

**INTELECTUAIS, CIRCULAÇÃO DE IDÉIAS E APROPRIAÇÃO CULTURAL**  
**Anotações para uma Discussão Metodológica**

**INTELLECTUALS, CIRCULATION OF IDEAS AND CULTURAL**  
**APPROPRIATION**  
**Notes for a Discussion on Methodology**

**DOI: 10.5533/1984-2503-20091102**

*Gizlene Neder*

*Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva*

**RESUMO**

Neste texto discutimos algumas possibilidades metodológicas para o estudo da história das idéias políticas, tendo em vista a análise do processo de circulação de idéias e apropriação cultural. A história política na passagem à modernidade, na virada do século XIX para o XX, é destacada, tendo em vista sua singularidade no processo mais geral de experiências políticas e existenciais vivenciadas pela atuação política dos intelectuais e suas trocas culturais. A sociabilidade política e intelectual de Joaquim Nabuco e de historiadores que empreenderam um movimento cultural e diplomático de escrita da história das relações entre Brasil e Argentina e suas ex-metrópoles (Portugal e Espanha) é enfocada através de suas práticas de leituras e citações de autores e livros.

Palavras-chave: Intelectuais, circulação de idéias, apropriação cultural, Joaquim Nabuco, escrita da história.

## **RESUMEN**

En este texto presentamos algunas posibilidades metodológicas para el estudio de la historia de las ideas políticas, teniendo en vista el análisis del proceso de circulación de ideas y apropiación cultural. La historia política en el pasaje a la modernidad en el cambio del siglo XIX para el XX, es destacada, teniendo en vista su singularidad en el proceso más general de experiencias políticas y existenciales vivenciadas por la actuación política de los intelectuales y sus cambios culturales. La sociabilidad política e intelectual de Joaquim Nabuco y de historiadores que emprendieron un movimiento cultural y diplomático de escritura de la historia de las relaciones entre Brasil y Argentina y sus antiguas metrópolis (Portugal y España) es enfocada a través de sus prácticas de lectura y citas de autores y libros.

Palabras-clave: Intelectuales, circulación de ideas, apropiación cultural, Joaquim Nabuco, escritura de la historia.

## **ABSTRACT**

In this text, some methodological possibilities for the study of the history of political ideas are discussed, considering the analysis of the process of flow of ideas and cultural appropriation. The political history in the transition to modernity at the turn of the XIXth to the XXst century is highlighted, in view of its singularity in the general process of political and existential experiences lived-out through the political activities of intellectuals and their cultural exchanges. The political and intellectual sociability of Joaquim Nabuco, and of historians who undertook a cultural and diplomatic movement in writing the history of relations between Brazil and Argentina and their former metropolis (Portugal and Spain) is focused through their reading practices and quoting of authors and books.

Key words: Intellectuals, movement of ideas, cultural appropriation, Joaquim Nabuco, writing on history.

## RÉSUMÉ

Dans ce texte, nous envisagerons certaines des possibilités méthodologiques permettant l'étude de l'histoire des idées politiques, en prenant en considération l'analyse des processus de circulation des idées et d'appropriation culturelle. L'on s'intéressera en particulier à l'histoire politique au cours du passage à la modernité, c'est-à-dire lors du passage du XIXème au XXème siècle, étant donné la singularité du processus plus général d'expériences politiques et d'expériences vécues au sein du militantisme politique des intellectuels et de leurs échanges culturels de l'époque. La sociabilité politique et intellectuelle de Joaquim Nabuco et d'historiens qui entreprirent un mouvement culturel et diplomatique d'écriture de l'histoire des relations entre le Brésil et l'Argentine et leurs ex-métropoles (Portugal et Espagne) est analysée à travers leurs pratiques de lecture et leurs citations d'auteurs et de livres.

Mots-clés : Intellectuels, circulation des idées, appropriation culturelle, Joaquim Nabuco, écriture de l'histoire.

1. Neste texto, apresentamos as possibilidades metodológicas para o estudo da história das idéias políticas, tendo em vista a análise do processo de circulação de idéias e apropriação cultural. Escolhemos trabalhar com a história política na passagem à modernidade, na virada do século XIX para o XX, destacando sua singularidade no processo mais geral de experiências políticas e existenciais vivenciadas pela atuação política dos intelectuais e suas deambulações pelas duas margens do Atlântico (as Américas - do sul e do norte - e Europa). A problemática do processo de circulação de idéias e apropriação cultural constitui, portanto, pano de fundo de nossas preocupações e nosso objetivo é apresentar as possibilidades metodológicas que combinem o método indiciário, que inclui procedimentos referidos a visada clínica de sintomas e indícios, tal como anotados e encaminhados por Carlo Ginzburg<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> Ginzburg, Carlo (1989). "Sinais: Raízes de um paradigma indiciário". In: *Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História*, São Paulo: Companhia das Letras, p. 143-179.

combinadamente com o mapeamento de autores e obras referidos e citados, destacando sua repetição.

Para tanto, estamos tomando como dimensão empírica deste artigo duas pesquisas em andamento, realizadas individualmente, cada qual por uma das autoras. Ambas as pesquisas, contudo, abordam a problemática levantada no artigo – circulação de idéias, sociabilidade política, experiência política e apropriação cultural – e tratam da mesma temporalidade histórica: a passagem à modernidade na virada do século XIX para o XX. Estas pesquisas tratam, respectivamente, do conservadorismo político na formação do campo político no Brasil – da governação política e do campo intelectual da ‘diplomacia – desde o segundo reinado, com a centralização monárquica referida à sociabilidade política de três políticos brasileiros amigos entre si (Nabuco de Araújo, barão de Penedo e visconde do Rio Branco); trata ainda da extensão desta rede de sociabilidade para a geração seguinte: a de três políticos amigos cujos filhos tornaram-se também amigos entre si (os filhos de Carvalho Moreira, barão de Penedo eram amigos de Joaquim Nabuco e do barão do Rio Branco, filho do visconde)<sup>2</sup>. A outra pesquisa problematiza os diálogos intelectuais no campo da escrita da história nas duas margens do Atlântico: Brasil & Argentina e Portugal & Espanha, em conjuntura histórica de reaproximação intelectual intencional, tendo em vista a política diplomática de resgate das relações entre ex-colônias e suas antigas metrópoles. Isto após décadas de separação em razão da experiência política dos processos históricos de independência, desde meados das décadas de 1810-20<sup>3</sup>.

2. Quando escreveu “*Minha Formação*”<sup>4</sup>, publicado em 1900, Joaquim Nabuco tinha uma idéia de passado que fala bastante sobre os cuidados de um autor com a visão que os do futuro teriam sobre si. Suas memórias foram primeiramente publicadas em 1895, no *Jornal do Commercio* de São Paulo, que

---

<sup>2</sup> Neder, Gizlene (2008). *Conservadorismo, Diplomacia e Idéias Jurídicas no Segundo Reinado*, Projeto de Pesquisa – CNPq.

<sup>3</sup> Silva, Ana Paula Barcelos Ribeiro da (2007). *Diálogos Intelectuais entre Dois Lados do Atlântico. Práticas Historiográficas, Circulação de Idéias e Apropriação Cultural: Reconhecimento e Legitimidade (1870-1946)*, Projeto de Doutorado – PPGH-UFF/CAPES.

<sup>4</sup> Nabuco, Joaquim (1949). *Minha Formação*, São Paulo: Instituto Progresso Editorial.

pertencia a seu amigo, Eduardo Prado (monarquista, como ele); depois recolhidas pela *Revista Brasileira* (de outro amigo seu, José Veríssimo), “*cujo agasalho nunca me faltou...*” – tal como anotado por ele próprio no prefácio de 8 de abril de 1900, assinado na cidade de San Sebastian, no País Basco (Guipúscoa), Espanha. Neste mesmo prefácio, o autor informa que o livro fora escrito entre 1893-1999. Trata-se, portanto, como toda autobiografia, de um livro preñado de intencionalidades; umas explícitas e outras nem tanto. O mesmo ocorre com outro dos livros de Nabuco, também escrito naquela temporalidade de regime republicano recém-implantado. Falamos do “*Um Estadista do Império. Thomaz Nabuco de Araújo. Sua Vida, Suas Opiniões, Sua Época*”<sup>5</sup>, livro que foi publicado entre 1897-99. Desde a proclamação da República, Joaquim Nabuco havia abandonado a política, dedicando-se à escrita das memórias, acima mencionadas, e de artigos de opinião ao já mencionado *Jornal do Commercio* e ao *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, que fora fundado por outro amigo seu, também monarquista, Rodolfo Dantas.

Pelo prefácio de Afonso Arinos de Melo Franco (da edição que estamos referindo) ao livro dedicado à memória de seu pai e da monarquia brasileira no segundo reinado, ficamos sabendo dos bastidores das articulações e tratativas para que um monarquista decepcionado e cético como Joaquim Nabuco fosse incorporado à administração da jovem república brasileira. Também neste empreendimento editorial, novamente, a sociabilidade política e o relacionamento pessoal fizeram-se presentes. Nos bastidores da república brasileira abundavam as articulações e movimentações políticas e politiqueras dos monarquistas, por cargos e postos de influência e mando. Ainda do prefácio de Afonso Arinos colhemos várias informações preciosas para montagem do enquadramento da história social e política das idéias que pretendemos discutir metodologicamente neste artigo. Afonso Arinos menciona que, eleito Campos Sales, este levou o livro de Joaquim Nabuco, da edição de 1898, para sua viagem à Londres, quando foi negociar o empréstimo de consolidação (*funding-loan*), a bordo do navio Thames,

---

<sup>5</sup> Nabuco, Joaquim (1977). *Um Estadista do Império*. Prefácio de Afonso Arinos de Mello Franco, Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

que partira do Rio em abril de 1898. Importante destacar que a vida de bordo foi descrita por Tobias Monteiro (outro monarquista), que acompanhava o presidente na qualidade de representante do mesmo *Jornal do Commercio*. Terminada a leitura, Campos Sales teria comentado com Tobias Monteiro da necessidade de convocar Joaquim Nabuco para a alta administração da república. Em 1899, Nabuco foi nomeado para estudar os limites brasileiros com a Guiana Inglesa e um ano depois (em abril de 1900) foi nomeado ministro plenipotenciário em missão especial junto ao governo inglês, a fim de continuar as negociações iniciadas por outro embaixador brasileiro, Souza Correia, em arbitramento na mesma querela. Nomeado para a embaixada brasileira em Londres, Nabuco voltava ao posto onde havia sido iniciado, com vinte e poucos anos, na carreira diplomática pelo amigo de seu pai, Francisco Inácio Carvalho Moreira, barão de Penedo, no início da década de 1870. Penedo havia permanecido à frente da legação brasileira em Londres por quase duas décadas, tendo negociado os empréstimos dos bancos londrinos ao governo imperial, no segundo reinado. Tratava-se de quadro político dos mais preparados e experientes que, diferentemente dos jovens monarquistas, como o próprio Joaquim Nabuco, negou-se a participar do governo republicano, solicitando aposentadoria tão logo os militares que empalmaram o poder assumiram a direção política do país. Já a geração que o sucedeu – da qual faziam parte Joaquim Nabuco, o barão do Rio Branco, filho do visconde do Rio Branco, outro grande amigo de Nabuco de Araújo e do barão de Penedo, que, tal como o filho do velho senador, fora iniciado na carreira diplomática pelo mesmo barão de Penedo – não só participou da governação republicana, quanto atuou na primeira linha, tão logo os militares foram substituídos por governos civis.

No plano das intenções manifestas, Joaquim Nabuco expressa o desejo de que seu livro sobre a vida do senador, seu pai, pudesse se constituir num empreendimento político de afirmação ideológica de posições liberais conservadoras, referidas ao monarquismo constitucionalista. A inspiração fora colhida no livro do chileno Banados de Espinosa, intitulado *Balmaceda, su Gobierno y la Revolución de 1891*, tal como o livro de Nabuco, também editado

por Garnier. O modelo, quanto à forma e ao estilo, inscrevia-se numa moda intelectual muito seguida naquela temporalidade de passagem à modernidade, com acento romântico disfarçado em objetividade na análise política. A escrita de uma história política como a empreendida nestes livros, o de Joaquim Nabuco e de Bañados, expressa a condição de exilado de seus autores. Os efeitos esperados: produção de monumentos literários, que definissem a forma como os do futuro julgariam seus personagens (Balmaceda e José Thomaz). Bañados escreveu Balmaceda de Paris, vivenciando o exílio político após a derrota política de seu correligionário. Joaquim Nabuco pratica o exílio político voluntário, durante o governo militar, após a derrubada da monarquia no Brasil.

Ainda Afonso Arinos nos lembra a rede de sociabilidade política a intelectual formada pelos protagonistas deste campo político. Menciona a correspondência de Joaquim Nabuco com seu cunhado, Hilário de Gouveia, casado com sua irmã. Revela-nos também uma correspondência auto-defensiva dirigida a Tobias Monteiro: “*Você compreenderá que obedeço a um escrúpulo patriótico e faço um penosíssimo sacrifício embrenhando-me, depois da ‘Vida’ de meu pai pelo Tacutu e Rupumini*”<sup>6</sup>. Em outra correspondência destacada pelo prefaciador vê-se referenciadas as relações pessoais de Joaquim Nabuco com Francisco de Paula e Oliveira Borges (também monarquista ‘moderado’, no dizer de Afonso Arinos, como Nabuco), filho do visconde de Guaratinguetá e tio de Francisco de Paula Rodrigues Alves, presidente do Brasil que fora colega de colégio de Nabuco, e que herdara do tio o nome de batismo. Abduzimos que Nabuco estava sendo atacado por monarquistas ‘exaltados’, tendo em vista sua participação na governação republicana<sup>7</sup>.

Como era de se esperar, as obras de reminiscências e memórias (tanto aquela destinada à vida do pai, quanto a sua “*Formação*”), esculpiram cuidadosamente a imagem de um espelho visivelmente narcísico que, da

---

<sup>6</sup> Rios na divisa entre o Brasil e a Guiana Inglesa.

<sup>7</sup> A história do conceito de patriotismo e seu uso como justificativa para a participação de monarquistas na governação republicana foi trabalhada por: Silva, Daniella Amaral Diniz da (2008). *Alteridade e Idéia de Nação na Passagem à Modernidade: o Círculo Rio Branco. ‘Ubique Patriae Memor’*, Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFF, sob orientação de Gizlene Neder, Niterói.

singularidade de um autor (Joaquim Nabuco), projeta uma colagem superposta (da imagem do pai, do imperador Pedro II e de todo o campo político monarquista)<sup>8</sup>. Ficaram, portanto, dadas as condições retóricas para a construção do semblante que justificou a participação de um monarquista (e seus vários amigos) na governação republicana.

Mais do que falar de imagens de si e dos outros (do pai, dos amigos do pai e dos seus amigos) localizamos vários aspectos ligados a uma cultura política que se afirmava liberal, mas que estava, ao mesmo tempo, bastante marcada pela cultura religiosa; e reside neste ponto a ambigüidade da imagem por ele esculpida: seu liberalismo, afirmou no primeiro parágrafo da *Minha Formação*, tinha um fundo 'hereditário'. Obviamente, a referência ao pai, o senador Nabuco, que o filho compara a Lutero: *ele é nosso verdadeiro Lutero político, o fundador do livro-exame no seio dos partidos, o reformador da velha igreja 'saquarema'(...)*<sup>9</sup>. Esta e outras comparações entre religião e idéias políticas marcam suas memórias, e evidenciam a apropriação cultural no campo jurídico brasileiro (no qual Nabuco fizeram sua formação em Direito, iniciada em São Paulo e concluída em Recife) de vários aspectos da formação de Coimbra reformada, fortemente marcada pelo pragmatismo pombalino, de inspiração de J. Bentham<sup>10</sup>; como também de forte inspiração da cultura religiosa da Congregação do Oratório. Neste particular, as excelências intelectuais (do pai e dele próprio), mais do que pensadas tão somente como transmitidas hereditariamente, implicava um sentimento político de auto-legitimidade, pelo nascimento e pela genialidade (do pai e dele próprio, insistimos), como um atributo de escolha predestinada.

No "*Minha Formação*", Nabuco relatou com cuidado e detalhes o encontro com o político francês Thiers, em 1873, que liderou a retomada da governação da França pelas forças políticas remanescentes da ditadura bonapartista, que, embora derrotadas na guerra franco-prussiana, reuniram condições (externas e internas) para massacrar a Comuna de Paris de 1871. Após elogiar a atuação de

---

<sup>8</sup> Salles, Ricardo Henrique (2002). *Joaquim Nabuco, um Pensador do Império*, Rio de Janeiro: Topbooks.

<sup>9</sup> Nabuco, Joaquim. *Minha Formação*, Op. Cit, pp. 13-14.

<sup>10</sup> Neder, Gizlene (1998). "Coimbra e os juristas brasileiros". In: *Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade*, ano 3, números 5/6, Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora/ICC, pp. 195-214.

Thiers como fiel da balança entre os partidos políticos no governo de “salvação nacional” francês, mantendo em equilíbrio a Assembléia em França, Nabuco afirmou:

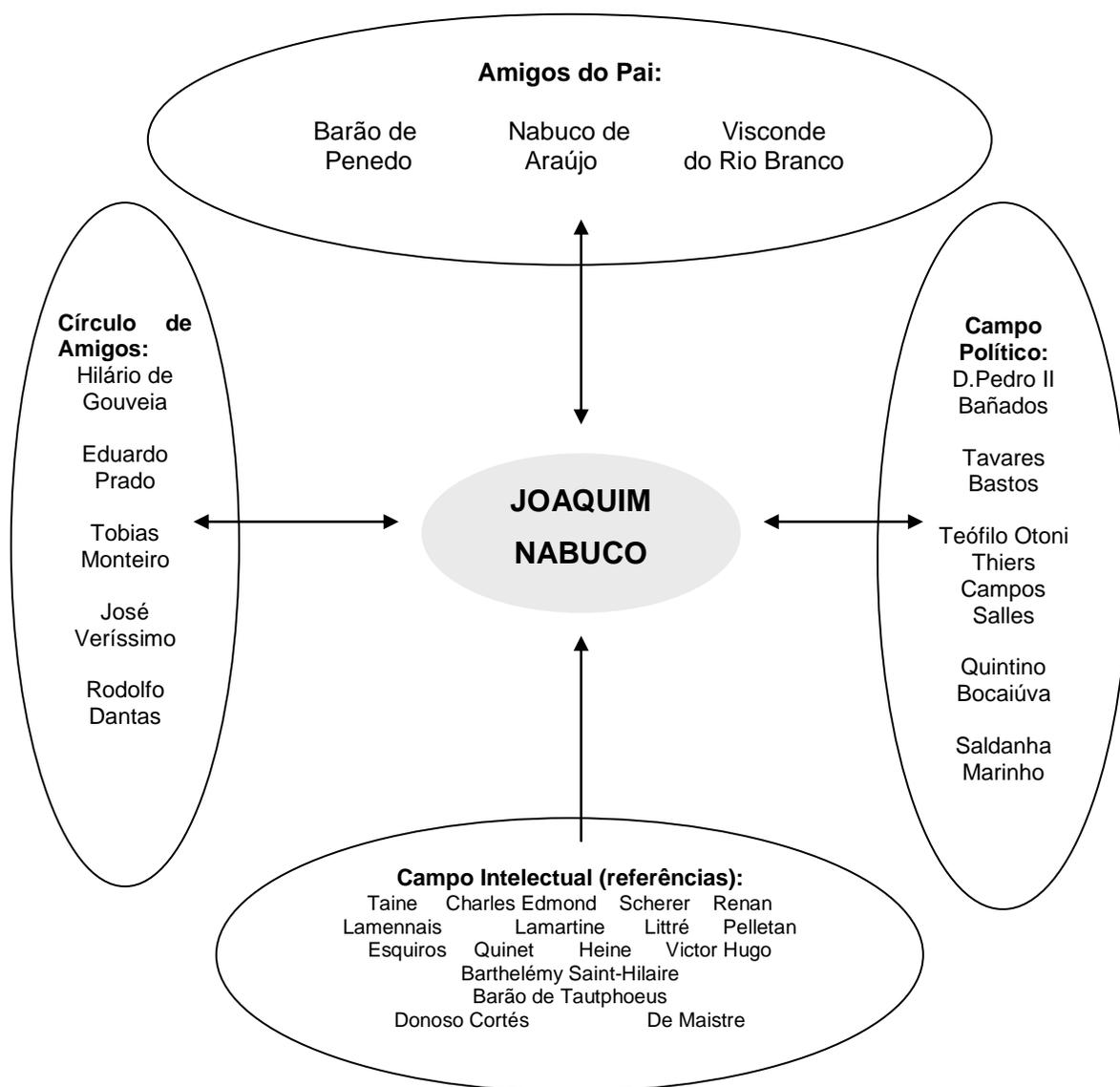
*“Eu era como político francamente thierista, isto é, em França, de fato republicano. Isso não quer dizer, porém, que me sentisse republicano de princípio; pelo contrário. A terceira República em França foi fundada por monarquistas; foi uma transação de estadistas monárquicos, como Thiers, Dufaure, Rémusat, Leon Say, Casimir Périer, Waddington, e todo o Centro esquerdo”.*<sup>11</sup>

Joaquim Nabuco foi apresentado a Thiers, numa cerimônia oficial. No parágrafo seguinte, onde narrou seu encontro com Renan, Nabuco informou este encontro com o chefe do governo francês, tendo apertado pessoalmente sua mão. O encontro com Renan fora possibilitado pelo prestígio diplomático de Carvalho Moreira (barão de Penedo). Saiu encantado do encontro com Renan, que providenciou cartas de recomendação para Taine, Scherer, Littré, Laboulaye e Charles Edmond, que, por sua vez, o apresentou a George Sand, Barthlélemy Saint-Hilaire. Por intermédio deste último, Nabuco havia sido apresentado a Thiers.

---

<sup>11</sup> Nabuco, J. *Minha Formação*, Op. Cit., p. 53.

**Diagrama 1: Sociabilidade Política e Intelectual de Joaquim Nabuco**



**Fontes: Joaquim Nabuco. *Minha Formação e Um Estadista do Império*.**

As leituras, os autores e personagens políticos prediletos de Joaquim Nabuco estão nomeados no “*Minha Formação*”. Aqui os cuidados na nomeação, logo na abertura do livro, de políticos do campo liberal e republicano. Nabuco fala-nos do prazer de ouvir Tavares Bastos que freqüentava a casa de seu pai; e do desvanecimento de um jovem estudante (ele próprio) de descer a rua do Ouvidor

de braço com Teófilo Otoni; e, ainda de seu prazer em conversar no “*Diário do Rio*” com Saldanha Marinho ou de ouvir Quintino Bocaiúva, “(...) *que me parecia o jovem Hércules da imprensa, e cujo ataque contra Motezuma, a propósito da capitulação de Uruguaiana, me deu a primeira idéia de um polemista destemido*”.<sup>12</sup> E, claro, não poderia deixar de mencionar Rui Barbosa, amigo desde os tempos de formação acadêmica<sup>13</sup>. As citações de livros e autores, por sua vez, obedecem a uma escolha entre autores europeus: Lamennais, Lamartine, Pelletan, Esquiros, estão referidos como os “quatro evangelhos” da sua geração. Quinet, Vitor Hugo e Henrique Heine estão entre os poetas favoritos. Sutilmente, Joaquim Nabuco anuncia seu alinhamento político e ideológico: o ano de 1866 é apontado como o “ano da Revolução Francesa”, para referir as suas predileções pela literatura política vinda daquele país do outro lado do Atlântico; volta a citar Lamartine; cita pela primeira vez Thiers, Mignet, Louis Blanc, Quinet, Mirabeu, Vergniaud e os girondinos. Além desta filiação enunciada, na frase seguinte, o pêndulo do equilíbrio de antagonismos de uma explícita esponja que tudo absorve, Nabuco dedilha outra lista – esta mais conservadora: “*Apesar disso, eu lia também Donoso Cortez e Joseph de Maistre (...)*”...<sup>14</sup> E conclui que até escreveu um pequeno ensaio sobre a infalibilidade papal, aos dezessete anos de idade. Neste ponto, Nabuco, tentava apagar sua militância aguerrida prenhe de uma retórica forte e irônica, de seus discursos proferidos no início da década de 1870, na loja maçônica Grande Oriente<sup>15</sup>. Vinte e tantos anos já haviam se passado, desde que os episódios relacionados à “Questão Religiosa” esquentaram as lutas políticas pelo poder no Brasil. Neste episódio, seu pai (e o visconde do Rio Branco) foram protagonistas da cena principal, e estavam diretamente implicados nas fissuras que dividiam o campo católico no Brasil (e no resto do mundo católico nas duas margens do Atlântico). Estas fissuras marcaram a oposição entre aqueles que

---

<sup>12</sup> Nabuco, J. *Minha Formação*, Op. Cit., p. 15.

<sup>13</sup> Alencar, José Almino e Santos, Ana Maria Pessoa dos (1999). *Meu Caro Rui, meu Caro Nabuco*, Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa.

<sup>14</sup> Nabuco, J. *Minha Formação*, Op. Cit., p. 16.

<sup>15</sup> Nabuco, Joaquim (1873). *O Partido Ultramontano (suas invasões, seus órgãos e seu futuro)*. Rio de Janeiro: Typographia da Reforma. Ver também: Nabuco, Joaquim (1873). *A Invasão Ultramontana (discurso pronunciado no Grande Oriente Unido do Brasil)*, Rio de Janeiro: Typographia Franco-Americana.

defendiam uma teologia-política conservadora e ultramontana (papista, identificada com o jesuitismo) e aqueles outros, que defendiam posições em favor de uma maior autonomia da igreja nacional e do regalismo. Este campo do catolicismo ilustrado adotava uma perspectiva liberal e moderna inspirada - mesmo que num alinhamento formal e livresco - no jansenismo. De modo que o rol de autores católicos citados por Nabuco no texto de 1873, quando faz dois discursos na loja maçônica Grande Oriente, se não é completamente distinto deste do “*Minha Formação*” (alguns autores como Victor Hugo, De Maistre foram igualmente citados, quase três décadas antes), ousava o pronunciamento de nomes como Pascal, Spinoza, Voltaire, Tocqueville. Contudo, nesta outra temporalidade (quando escreve *Minha Formação*), onde o próprio campo do catolicismo romano, num sentido mais geral, está recompondo sua teológico-política; foi, quando também Joaquim Nabuco, no plano de sua vida particular, retomou uma espiritualidade católica mais contemplativa, a partir do casamento com Evelina Torres Soares Ribeiro, católica muito devota. A conciliação de antagonismos atuou como um semblante de reconciliação política com o campo católico mais conservador.

Por fim, Joaquim Nabuco dedica um capítulo especial de *Minha Formação* para destacar a importância do Barão de Tautphoeus em sua formação intelectual. Neste capítulo ressalta sua influência aristocrática, forçado a expatriar-se da Baviera (...) *por motivo revolucionário, acompanhara o rei Othon à Grécia, depois viera viver em Paris, nas vizinhanças do ano 30, e freqüentava a plêiade liberal do Journal des Debats até que emigrou para o Brasil*<sup>16</sup>. Sublinhe-se, influência recebida de um aristocrata de origem alemã e, ao mesmo tempo, liberal.

3. No mesmo contexto pós-proclamação da República, vivido por Joaquim Nabuco, outros intelectuais movidos por questões políticas e históricas semelhantes, desenvolveram diálogos em torno de um tema comum. Preocupados em pensar a nação e a identidade nacional, até aproximadamente a década de 1940, recorreram a uma releitura da história que implicava em conjugar as

---

<sup>16</sup> Nabuco, J. *Minha Formação*, Op. Cit., p. 207.

experiências vividas e as expectativas de um futuro a ser construído<sup>17</sup>. Assim, deliberavam acerca da elaboração da imagem de si para si mesmos e para as futuras gerações, construindo sociabilidades e relacionamentos políticos essenciais na formação do campo historiográfico no Brasil. Sociabilidades que envolveram intelectuais com características muitas vezes distintas, mas com interesses próximos e próprios de sua geração. Interesses acordantes com as experiências políticas de um período de transformações trazidas pela modernidade entre o final do século XIX e o início do século XX e que demandavam respostas diante de suas novas exigências. Focalizamos brevemente um exemplo de diálogos intelectuais que envolviam o debate acerca da história em meio ao contexto histórico e social que então se apresentava e que punham em contato intelectuais brasileiros, portugueses, argentinos e espanhóis. Diálogos que se cruzavam e ilustram amplamente o movimento de circulação de idéias e apropriação cultural ao qual nos referimos neste artigo sob inspiração de Carlo Ginzburg<sup>18</sup>, quando analisou as construções de metáforas geográficas (centro e periferia) dentro do processo de relações de força, tendo em vista a hegemonia cultural entre as diversas cidades italianas. Nesta outra problemática que enfocamos para tematização do processo de circulação e idéias e apropriação cultural, as intenções manifestas não se colocam numa referência de espelho narcísico, tal como identificamos no caso dos livros de construção de memórias de Joaquim Nabuco. Os intelectuais que deliberaram a reaproximação (diplomática e intelectual) entre as ex-metrópoles e ex-colônias, vivenciaram e subjetivaram questões relacionadas ao (re)conhecimento e (des)conhecimento. Evidentemente, tais questões podem ser observadas igualmente nas práticas memorialistas de Nabuco; caso contrário, não haveria tanta preocupação em enunciar autores, livros e políticos que o influenciaram (com destaque para a lista de nomes

---

<sup>17</sup> Koselleck, Reinhart (2006). *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio.

<sup>18</sup> Ginzburg, Carlo. "História da Arte Italiana". In: Ginzburg, Carlo, Castelnuovo, E. e Poni, C. (org) (1991). *A Micro-história e outros ensaios*, São Paulo: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel. p. 5-93; e Ginzburg, Carlo (2004). *Nenhuma Ilha é uma Ilha – Quatro visões da literatura inglesa*, São Paulo: Companhia das Letras.

referidos especialmente ao campo republicano: Quintino Bocaiúva e Saldanha Marinho).

Secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Max Fleiuss investiu em trocas intensas com intelectuais de outros países, em especial aqueles ligados à diplomacia e ao campo historiográfico. Em seu arquivo pessoal depositado no próprio Instituto estas relações podem ser mapeadas a partir do grande número de correspondências ativas e passivas com alguns dos mais conhecidos nomes de sua época. Dentre eles estavam o português Fidelino de Figueiredo, o espanhol Rafael Altamira e o argentino Ricardo Levene. No debate acerca da história, estes três intelectuais, envolvidos por suas escolhas pessoais e pelas questões políticas que lhes afligiam em seu contexto histórico, apareciam com frequência direta ou indiretamente na forma como Fleiuss buscava conferir sentido à sua atuação profissional e à escrita da história num momento de construção da modernidade. Afinal, ser moderno incluía reler a história de países de passado colonial como Brasil e Argentina de modo a reforçar suas matrizes européias e romper com o isolamento, o que contribuiria para a conquista de reconhecimento e legitimidade<sup>19</sup>. Assim, não apenas estes intelectuais latino-americanos relacionavam-se com aqueles europeus, como, simultaneamente, mantinham contato entre si por meio de correspondências, eventos e convênios de intercâmbio cultural e intelectual. Conseqüentemente, através de um processo de circulação de idéias e de apropriação cultural, estes intelectuais se reuniram em torno de interesses comuns e elaboraram diálogos que demonstram a importância de se pensar suas concepções de história e de passado num sentido não isolacionista e individualizante e de acordo com suas expectativas presentes e futuras. Afinal, vivia-se também um momento de re-significação das relações entre os países de colonização ibérica, que haviam sido nomeados desde os movimentos pela independência política no século XIX de “América Latina”. Esta designação fora feita pela militância política imperialista, que construía redes de sociabilidade política a partir da maçonaria (com alinhamento político

---

<sup>19</sup> Todorov, Tzvetan (1989). *Nous et les autres. La réflexion française sur la diversité humaine*, Paris: Éditions du Seuil.

predominantemente de lojas de Londres), com forte participação de norte-americanos. Olhar o passado e apresentá-lo de forma conjunta, suavizando as diferenças e os conflitos era parte dessa estratégia e tarefa da história, na qual se empenharam estes intelectuais. Assim, Max Fleiuss se correspondia com seu par português Fidelino de Figueiredo e Ricardo Levene com seu par espanhol Rafael Altamira, mas também se relacionaram entre si e conjugaram esforços na conquista destes objetivos, em especial através da atividade do brasileiro no IHGB e do argentino na Junta de História e Numismática Americana de Buenos Aires.

Em diferentes momentos estes diálogos ultrapassaram as correspondências e trocas intelectuais à distância para se firmarem de maneira concreta. Durante a década de 1930, Fidelino de Figueiredo viajou pela América Latina oferecendo cursos como professor convidado e entre 1938 e 1951 foi professor de literatura da recém-criada Universidade de São Paulo, participando também da fundação da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. Em variados momentos, queixou-se para Fleiuss do não-reconhecimento intelectual experienciado por ele em Portugal, o que o fez buscar refúgio na Espanha, na década de 1920, e no Brasil, entre os anos referidos. Entre 1909 e 1910, Rafael Altamira visitou a América Latina, percorrendo países como Uruguai, Chile, Peru, México, Cuba e Argentina, na tentativa de estabelecer um diálogo que deveria se caracterizar pela harmonia entre uma nova geração de intelectuais espanhóis e hispano-americanos. Na Argentina seus objetivos encontraram um ambiente intelectual fértil de modo que lecionou nas Universidades de La Plata e Buenos Aires e impulsionou os estudos históricos no país. Em um de seus cursos teve Ricardo Levene como aluno. Aluno que alguns anos depois, em especial a partir de 1915, se tornaria seu amigo e principal interlocutor na América Latina. Estes diálogos, concretizados a partir de viagens e projetos comuns, deveriam funcionar como base das relações entre os países latino-americanos, incluindo-se o Brasil. Foi neste sentido que Levene, representando a Junta de História de Buenos Aires, Fleiuss, em nome do IHGB, e o Itamaraty se empenharam em criar em 1937 a *Biblioteca de Autores Brasileiros traduzidos ao Castelhana*. Iniciativa correspondida pelas instituições brasileiras em 1938 com a criação da *Biblioteca*

*de Autores Argentinos traduzidos ao Português*. Ambas com o objetivo principal de selecionar algumas das consideradas maiores obras representativas do pensamento argentino e brasileiro nas áreas de história, literatura e ciências para serem amplamente divulgadas no país vizinho e distribuídas entre escolas e bibliotecas públicas de modo a auxiliarem no conhecimento mútuo entre eles. Este investimento seria capaz de gerar respeito, convivência pacífica e colaboração mútua para as próximas gerações. Convênio com objetivo semelhante já havia sido assinado entre os dois países em 1933: o *Convênio para Revisão dos Textos de Ensino de História e Geografia*. Sua função seria promover a aproximação entre os países, expurgando dos textos históricos e geográficos “tópicos que sirvam para excitar no ânimo desprevenido da juventude a adversão a qualquer povo americano”<sup>20</sup>. Por meio de empreendimentos como estes e do contato entres os intelectuais referidos propomos pensar dialogicamente a construção do campo de estudos históricos no Brasil e na Argentina. Campo este marcado, entre o final do século XIX e o início do século XX, pela organização de arquivos e instituições que viabilizassem a pesquisa documental.

Nestes diálogos entre Brasil e Argentina (e destes com suas matrizes européias), podemos observar a preocupação com a conquista de reconhecimento e legitimidade diante de um outro que nos avalia e qualifica. Afinal, isolados estes países impediriam a conquista de alteridade e a produção do conhecimento que consideramos não ser feita individualmente. Com objetivos e problemas comuns, com intencionalidade e de forma muitas vezes deliberada, estes intelectuais se envolveram numa tentativa de repensar e reescrever suas próprias histórias em conjunto e de acordo com as necessidades de integração presentes. Aqui temos uma leitura de passado conjugada às demandas do presente e às expectativas para o futuro. Observamos, assim, uma múltipla temporalidade que marca o olhar sobre a história num contexto de construção da modernidade. Ademais, é possível perceber no diálogo acerca da história a importância da sociabilidade política e dos relacionamentos pessoais, aos quais já nos referimos, na aproximação entre

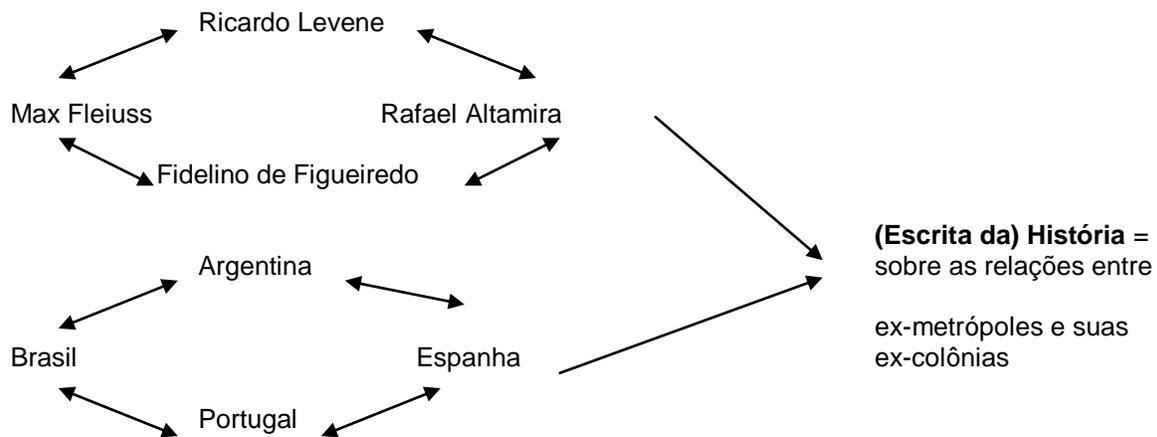
---

<sup>20</sup> Convênio entre Brasil e Argentina para a Revisão dos Textos de Ensino de História e Geografia, 1933. Acervo: Arquivo Histórico do Itamaraty.

intelectuais com origens em países com trajetórias políticas bastante distintas que pouco tempo antes ainda apresentavam barreiras à integração e à diplomacia. Afinal, o Brasil acabara de proclamar sua República enquanto a Argentina já o havia feito desde o início do século XIX. As sociabilidades intelectuais auxiliaram na superação destes obstáculos e relacionaram republicanos argentinos aos ainda bastante monarquistas membros do IHGB. Política e ideologicamente distintos estes países tinham um ponto em comum que lhes gerava afinidade, os aproximava, os punha em diálogo: a história; mais especificamente, a preocupação com os rumos da escrita da história, com a interpretação histórica, com o olhar sobre o passado de países de formação colonial diante de objetivos modernizadores presentes. Ainda muito viva no Brasil a ideologia monarquista, no entanto, se via em diálogos intelectuais e concretos com intelectuais, instituições e idéias fortemente republicanas que contribuíam para a formação de sua visão de história. Tensões, conflitos e ambivalências constatadas na produção do conhecimento histórico. Conhecimento produzido amplamente a partir de um processo de circulação de idéias e apropriação cultural que em muito marca o pensamento intelectual, conforme buscamos ressaltar neste artigo.

Lembramos que estes diálogos intelectuais se cruzam e que o processo de circulação de idéias e apropriação cultural se dá em diferentes direções. Portanto, acreditamos ser possível representá-los a partir de um diagrama que ilustre a complexidade do processo que aqui apontamos e a necessidade de não se pensar a produção do conhecimento isoladamente:

**Diagrama 2: Circulação de Idéias e Apropriação Cultural**



**Fontes: Acervos do IHGB e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.**

Como vemos, envolvidos em diálogos intelectuais, Fleiuss, Levene, Fidelino e Altamira, se influenciaram mutuamente e promoveram a retomada das relações entre ex-colônias e ex-metrópoles num período de independência já consolidada e de uma necessidade de reafirmação das matrizes européias de Brasil e Argentina que contribuía na conquista de alteridade. Juntos eles reuniram experiência e expectativa, passado, presente e futuro, relacionamentos pessoais e experiências políticas em torno de um objeto comum: a escrita da história.

4. O que liam estes intelectuais na última década do século XIX e primeiras do XX? Quais os livros e autores citados? Em que medida a identificação de livros de acervos de bibliotecas públicas ajuda a compor este quadro? Em que medida um acervo de biblioteca pública, como a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, portanto uma fonte externa aos objetos das duas pesquisas, pode ser um indício significativo para a análise do processo de circulação de idéias e apropriação cultural? A combinação relativamente aleatória<sup>21</sup> das duas pesquisas, através do

<sup>21</sup> Relativamente aleatória, em relação aos objetos específicos de cada pesquisa, pois estamos tomando autores e referências muito diferentes, quanto ao seu propósito. Contudo, as duas pesquisas são desenvolvidas num grupo de pesquisa que já acumulou levantamentos bibliográficos e estabeleceu quadros comparativos acerca da circulação de livros e apropriações culturais.

cruzamento dos dados levantados, é indicador suficientemente válido, do ponto de vista metodológico, para a interpretação? Tentaremos concluir este artigo indicando algumas respostas para estas perguntas e é provável que não consigamos esgotar algumas delas. Contudo, o desafio fica lançado e o encaminhamento das discussões metodológicas, ao receber críticas e comentários, poderá fazer avançar os postulados.

As obras escolhidas para análise, especialmente os dois livros de Joaquim Nabuco, apresentam sinais claros de intencionalidade e deliberação política, em relação às citações de pessoas (amigos e políticos) e autores. O mesmo se pode dizer dos diálogos dos intelectuais das duas ex-colônias (Brasil e Argentina) com os pares em suas ex-metrópoles (Portugal e Espanha). A deliberação da empreitada intelectual foi sublinhada em várias afirmativas dos intelectuais envolvidos; fora a participação da diplomacia brasileira, através do Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), também prenhe de deliberações e intenções políticas manifestas.

A intencionalidade dos autores é abordada por Carlo Ginzburg, no texto “O Velho e o Novo Mundo vistos da Utopia”, que compõe a coletânea de ensaios intitulada *Nenhuma Ilha é uma Ilha. Quatro visões da literatura inglesa*<sup>22</sup>. A problematização da intencionalidade é observada nas sucessivas epístolas trocadas entre Thomas More e o círculo de amigos, com os quais se relaciona; o círculo era composto de intelectuais europeus, entre ilhéus (ingleses) e europeus continentais (já que “nenhuma ilha é uma ilha”, figura de linguagem adotada por Ginzburg para referir-se às trocas intelectuais no século XVI) – entre eles, Erasmo, amigo de Thomas More, a quem este último dedica *A Utopia*. O pomo destas considerações diz respeito ao gênero literário da *Utopia*: tratou-se de uma empreitada intelectual séria (destinada a oferecer um modelo político de estado, tal como interpretada por Quentin Skinner) ou visava à sátira e a troça? As tantas referências de More, nas epístolas, ao escritor da Antiguidade, Luciano, e à narrativa e estilo “luciânico” (que cultivava o gênero jocoso) são tomadas por

---

<sup>22</sup> Ginzburg, Carlo (2004). “O Velho e o Novo Mundo vistos da Utopia”. In: *Nenhuma Ilha é uma Ilha. Quatro visões da literatura inglesa*, Op. cit., p. 17-42.

Ginzburg como indício da intenção literária do autor de *A Utopia*: a produção de uma narrativa ao mesmo tempo séria e jocosa.

A intencionalidade de Joaquim Nabuco e dos historiadores ibero-americanos por nós analisados também pode ser mapeada na busca detalhada de livros, e autores, citados, seja para edulcorar uma memória (a sua própria e a de seu pai), no caso de Nabuco; ou para legitimar a escrita da história das relações entre Brasil e Argentina com suas ex-metrópoles; a busca de legitimidade vinha acompanhada da problemática do reconhecimento intelectual que afetava diretamente os intelectuais implicados na escrita da história entre autores brasileiros e argentinos, e portugueses e espanhóis.

A recolha das citações e referências deve ser buscada dentro dos escritos dos autores pesquisados, e confrontada através do levantamento dos catálogos de bibliotecas públicas, uma fonte externa a estes escritos. Esta confrontação permite identificar a circulação de idéias, livros e autores. Permite também o mapeamento do lugar de origem das citações<sup>23</sup>. Neste caso, interessa-nos observar o país ou cidade de procedência dos livros e dos autores, tendo em vista a análise do processo de circulação de idéias e apropriação cultural. Observemos o quadro abaixo, onde sumariamos as principais citações de um catálogo público (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro). Neste catálogo as datas das edições figuram na temporalidade entre 1910 e 1940.

---

<sup>23</sup> A circulação de idéias e apropriação cultural foi por nós trabalhadas: Neder, Gizlene e Cerqueira Filho, Gisálio (2007). *Idéias Jurídicas e Autoridade na Família*. Rio de Janeiro: Revan.

**Quadro 1: Seleção de autores citados no Boletim (gráfico reduzido e ilustrativo):**

<b>Autor Citado</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Editoras que o publicaram e/ou traduziram e cidade ou país de publicação</b>
Stuart Mill	Inglaterra	1	Paris/ Ancienne Librairie Germer Baillière et Cie.
Antoine Arnauld	França	1	Paris/ Charpentier
Fidelino de Figueiredo	Portugal	3	Lisboa/ Livraria Classica Editora
Teophilo Braga	Portugal	1	Porto/ Livraria Chardron
Guilherme Oncken	-	1	Lisboa/ Ant. Casa Bertrand, José Bastos & Cia
Jacques Bénigne Bossuet	França	2	RJ/ Paris/ H. Garnier
Miguel de Cervantes	Espanha	1	RJ/ Livraria Garnier
Paul Dupont	França	1	Paris/ Felix Alcan
Lois Huot e Paul Voivenel	França	1	Paris/ Bernard Grasset
Alfred Binet e Th. Simon	França	1	Paris/ Armand Colin
Ernest Denis	França	1	Paris/ Imp. Paul Brodard
Léon Daudet	França	1	Paris/ Nouvelle Librairie Nationale
Jacques Bainville	França	1	Paris/ Nouvelle Librairie Nationale
Henri Coulon	França	1	Paris/ Société d'Editions Littéraires et Artistiques
Edouard Driault	França	3	Paris/ Felix Alcan
Max Muller	Alemanha	1	Zurich/ Druck/ Verlag/ Art Institut Orell Füssli
Henri Guerlin	França	1	Paris/ Librairie Renouard, H. Laurens, éditeur
Albert Pingaud	França	1	Paris/ Imp. Paul Brodard
Phil. Wettstein	Alemanha	1	Leipzig/ Verlag von Friedrich Engelmann
H. de Balzac	França	1	Rio de Janeiro/ Civilização Brasileira
Alexandre Dumas	França	5	Rio de Janeiro/ Civilização Brasileira/ Edições LEP/ Vecchi
Auguste Comte	França	1	Rio de Janeiro/ Au siège de l'Eglise Positiviste du Brésil
Voltaire	França	1	São Paulo/ Cultura Moderna
André Maurois	França	1	Rio de Janeiro/ Vecchi
André Gide	França	2	Rio de Janeiro/ Americ-Edit/ Vecchi
Ernest Renan	França	1	Rio de Janeiro/ Irmãos Pongetti
Émile Zola	França	1	Rio de Janeiro/ Ed. Aurora/ Vecchi
A. Dupin	França	2	-
Gabriel Tarde	França	4	Rio de Janeiro/ -
Gustave Le Bon	França	5	Rio de Janeiro/ -

**Fonte: Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.**

**Período: Décadas de 1910 a 1940.**

**Acervo: Real Gabinete Português de Leitura e Biblioteca Nacional.**

Em 1910 podemos situar o contexto da escritura das duas obras de Joaquim Nabuco, ao mesmo tempo em que vislumbramos o auge de sua atuação político-diplomática no período republicano, desde 1899, quando Nabuco chefiou a missão diplomática, defendendo os direitos brasileiros na questão da Guiana Inglesa; até sua morte (1907), em Washington, onde exercia o cargo de embaixador, desde 1905. Sem dúvida, a ação política e intelectual (intencional ou não) de um autor pode ser pesquisada e analisada além da sua morte física, tendo em vista os efeitos nos contemporâneos desta ação; como também os efeitos na experiência política e na subjetividade de amigos, admiradores ou contendores de um autor<sup>24</sup>. Esta experiência (intelectual e política) pode ser observada também nos autores ibero-americanos analisados, que publicaram grande parte de seus escritos nesta temporalidade.

Embora tenhamos feito uma seleção de citações para efeito de demonstração das possibilidades metodológicas, constatamos uma larga maioria de citações de autores franceses em todo o *Boletim Bibliográfico*; especialmente no campo da literatura. Portanto, vislumbramos aqui a pertinência das preocupações dos historiadores de retomada da escrita da História, tendo em vista estabelecer novas referências nas relações diplomáticas e intelectuais entre Brasil e Argentina, e Portugal e Espanha. Para estes intelectuais, podemos abduzir, as trocas culturais inscreviam-se num campo de relações de forças no qual estavam imersas as diferentes nações (afinal, aquela temporalidade constituía-se como o auge do tempo das nacionalidades). As disputas pela escrita da história (como e o que se escreve sobre o passado) teriam implicações diretas nas possibilidades de futuro que julgavam estar construindo. Suas escolhas políticas sobre autores e livros apontavam para uma outra possibilidade histórica a ser construída, na qual o quadro de citações de autores e livros se mostraria mais equilibrado, com o peso dos países ibero-americanos mais destacado.

---

<sup>24</sup> Ao justificar a temporalidade escolhida para a biografia histórica de São Luis, Jacques Le Goff estende a observação empírica até que o último dos biógrafos que haviam dito uma experiência pessoal com São Luis tivesse desaparecido (no caso, Joinville). Le Goff, Jacques (1999). *São Luís*, Rio de Janeiro/São Paulo: Record. A justificativa encontra-se na “Introdução”, p. 19-32.

Ao lado da hegemonia de citações francesas, constatamos que as citações revelam uma diversidade de trocas intelectuais com outros autores europeus. Bentham foi o mais citado entre os autores ingleses, segundo pesquisa empreendida por Gilberto Freyre<sup>25</sup>; enquanto Stuart Mill foi diretamente referido por Joaquim Nabuco e figura no *Boletim*.

Entre os autores ibéricos (portugueses e espanhóis), verificamos uma larga predominância de citações de autores portugueses; muito embora encontremos o emblemático Miguel de Cervantes, e a referência a Donoso Cortés valha pelos outros autores espanhóis não citados, dado o peso de seu pensamento político nos países abrangidos pela hegemonia do catolicismo romano, como é o caso dos países ibero-americanos.

A quantificação de livros e autores oferece um campo seguro em relação às afirmativas acerca da intensidade e qualificação das trocas intelectuais. Contudo, não responde a todas questões implicadas nos estudos da história do processo de circulação de idéias e apropriação cultural. O peso da citação de Donoso Cortés, por exemplo, está além do *Boletim*; foi única e altamente sintomática no livro de memória de Joaquim Nabuco.

Com igual peso em relação à citação de Donoso Cortés, devemos destacar que entre os autores citados, encontramos uma clara preferência por autores conservadores: Alexandre Dumas, Gustave Le Bon e Gabriel Tarde foram os mais citados no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Como também não podemos deixar de mencionar a citação ao teólogo jansenista, Antoine Arnauld. Embora figure com apenas uma citação, sua presença no *Boletim* é extemporânea. Numa temporalidade onde predominava um completo silêncio e um esquecimento deliberado das pugnas teológicas que dividiram o campo religioso católico por mais de duzentos anos, a citação de Arnauld não pode passar despercebida. No mínimo, uma interpretação que leve em consideração que as deliberações e intervenções políticas, tais como aquelas

---

<sup>25</sup> Gilberto Freyre, na pesquisa sobre a presença inglesa no Brasil na primeira metade do século XIX, identificou os livros de J. Bentham entre os mais encomendados e anunciados nos jornais da época. Freyre, Gilberto (2000). *Ingleses no Brasil. Aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*, Rio de Janeiro: Topbooks.

referidas à reconstrução da unidade do catolicismo romano, na virada do século XIX para o XX, no jogo mais difuso das relações de forças, não foram suficientes para dirimir todas as divergências políticas decorrentes de posicionamentos ideológicos, e teológico-políticos.

## REFERÊNCIAS

Alencar, José Almino e Santos, Ana Maria Pessoa dos (1999). *Meu Caro Rui, meu Caro Nabuco*, Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa.

Freyre, Gilberto (2000). *Ingleses no Brasil. Aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*, Rio de Janeiro: Topbooks.

Ginzburg, Carlo (1989). *Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História*, São Paulo: Companhia das Letras.

Ginzburg, Carlo (2004). *Nenhuma Ilha é uma Ilha. Quatro visões da literatura inglesa*, São Paulo: Companhia das Letras.

Ginzburg, Castelnuovo, E. e Poni, C. (org) (1991). *A Micro-história e outros ensaios*. São Paulo: Bertrand Brasil/Lisboa: Difel.

Koselleck, Reinhart (2006). *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio.

Le Goff, Jacques (1999). *São Luís*, Rio de Janeiro/São Paulo: Record.

Nabuco, Joaquim (1977). *Um Estadista do Império*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Nabuco, Joaquim (1873). *A Invasão Ultramontana (discurso pronunciado no Grande Oriente Unido do Brasil)*, Rio de Janeiro: Typographia Franco-Americana.

Nabuco, Joaquim (1873). *O Partido Ultramontano (suas invasões, seus órgãos e seu futuro)*, Rio de Janeiro: Typographia da Reforma.

Nabuco, Joaquim (1900/1949). *Minha Formação*, São Paulo: Instituto Progresso Editorial.

Neder, Gizlene (1998). "Coimbra e os juristas brasileiros". In: *Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade*, ano 3, números 5/6, Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora/ICC, p. 195-214.

Neder, Gizlene (2008). *Conservadorismo, Diplomacia e Idéias Jurídicas no Segundo Reinado*, Projeto de Pesquisa – CNPq.

Neder, Gizlene e Cerqueira Filho, Gisálio (2007). *Idéias Jurídicas e Autoridade na Família*, Rio de Janeiro: Revan.

Salles, Ricardo Henrique (2002). *Joaquim Nabuco, um Pensador do Império*, Rio de Janeiro: Topbooks.

Silva, Ana Paula Barcelos Ribeiro da (2007). *Diálogos Intelectuais entre Dois Lados do Atlântico. Práticas Historiográficas, Circulação de Idéias e Apropriação Cultural: Reconhecimento e Legitimidade (1870-1946)*, Projeto de Doutorado – PPGH-UFF/CAPEs.

Silva, Daniella Amaral Diniz da (2008). *Alteridade e Idéia de Nação na Passagem à Modernidade: o Círculo Rio Branco. 'Ubique Patriae Memor'*, Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFF, sob orientação de Gizlene Neder, Niterói.

Todorov, Tzvetan (1989). *Nous et les autres. La réflexion française sur la diversité humaine*, Paris : Éditions du Seuil.

Gizlene Neder

Professora da Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora do Laboratório Cidade e Poder.

[gizlene@superiq.com.br](mailto:gizlene@superiq.com.br)

Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva

Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense

[anapaulabarcelos@gmail.com](mailto:anapaulabarcelos@gmail.com)